



A RELAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA E NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE NOS DIAS ATUAIS ¹

Carla Agda Lima de Souza (1); Cláudio Ludgero Monteiro Pereira (2).

Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia (1); Dr. Em Ciência da Educação (2).

¹Universidade do Estado do Pará, carlagda@hotmail.com ; ²Universidade Autônoma de Assunção, ludgero@msn.com.

Resumo

O presente artigo abordará a necessidade da inclusão da família nas instituições de ensino, visto que, a mesma está cada vez mais distante desta relação imprescindível que é a família com a escola e a própria sociedade que a mesma está inserida, por conta das diversas influências existentes no meio e as transformações que este sofre no decorrer dos anos. E mesmo que a realidade não esteja a rigor do seu meio de convivência, as mudanças que vêm ocorrendo constantemente e os diversos meios tecnológicos disponíveis no mercado para o consumidor, têm distanciado esse alicerce do aluno e da própria escola, quando na verdade deveria ser de proveito contribuinte para a formação e desenvolvimento deste aluno, já que o ser humano é capaz de adaptar-se ao meio e às suas necessidades. Mencionará que as inserções em algumas atividades e programações impostas no Projeto Político Pedagógico, planejamento escolar ou nos planos de aulas, ainda não são suficientes ou instigantes para incluir a família na escola, além de entender a realidade da mesma para adaptar os horários e datas previstas para tais aplicações é necessário criar vínculos de comunicação e acompanhamento destes alunos, assim como dos próprios docentes e também dos pais, os últimos como principais atuantes para somar no desenvolvimento destes alunos. Portanto, é indispensável suscitar questionamentos e debates sobre este assunto extremamente importante e pertinente, além de levantar possíveis soluções e ideias de Como fazer?, Quando? Porque fazer? , respeitando sempre os limites e diversidades a encontrar. Foi utilizada como metodologia, a pesquisa bibliográfica com a contribuição de autores que defendem o tema abordado somando para estes enfoques significativos.

Palavras-Chave: Família. Escola. Sociedade. Educação.

Introdução

O presente artigo busca compreender as justificativas diante do afastamento cada vez maior das famílias em participação na escola, por decorrência de obrigações diárias para suprir as necessidades emergidas para a sobrevivência, além de entender a relação das mesmas, com as instituições e os espaços educativos, de forma a contribuir para o desenvolvimento dos alunos, tornando-os seres críticos e atuantes na sociedade. Trata-se de compreender a inclusão da família como agente norteador da educação e desenvolvimento do aluno, em qualquer grau de ensino, em conjunto com a escola, ambientes educativos e o meio em que vive, a partir de momentos vivenciados ou meios de comunicação utilizados para a contribuição da mesma.

É necessário suscitar estes assuntos para que haja autoanálise e questionamentos das partes contribuintes, na tentativa de verificar se o comportamento e atitudes tomadas por tais estão de acordo com a necessidade, realidade, dificuldade e problemas que estes alunos enfrentam ou possam vir a enfrentar, intencionando a reflexão sobre a qualidade no processo educacional e formativo neste ambiente de aprendizagem.

¹ Artigo redigido através de Pesquisa Bibliográfica. Universidade do Estado do Pará, na cidade de Belém, PA, 2017, sob orientação do Prof^o Dr. Cláudio Ludgero Monteiro Pereira.



Sabe-se que ao longo da história, a família era concebida como um lugar seguro e preparado para aplicar afazeres domésticos (para mulheres e meninas) e proteção e trabalho (para homens e meninos), pois a educação era voltada na aplicabilidade dos deveres domésticos e o ensino era de total responsabilidade dos pais e a educação para outras formações era para poucos, ou seja, as crianças passavam mais tempo com seus pais e outros adultos da família que influenciavam na formação desse ser e o adaptavam para a sociedade real a que viviam além de já haver a dissociação das classes dominantes para a classe não dominante.

No decorrer dos anos, a educação sofreu adaptações conforme o período histórico que estavam vivendo, foi tomando diversos fins em aplicabilidades como o ensino da ciência, filosofia, matemática, entre outros., pelos trabalhos que iam sendo impostos pela sociedade. Até o processo da educação e os meios de convivências sociais, surgirem para suprir a necessidade de relacionar-se com o próximo, já que a família desintegrava-se desta prática, por conta do crescimento estrutural e diversidades de função de trabalho na sociedade, rescindindo os laços coexistentes nessa relação primordial. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) deixam claro que é obrigatório as escolas fomentarem relação com as famílias e os pais tem por direito de saber o andamento do processo educacional do seu filho assim como participar dos eventos propostos pelas instituições de ensino.

Este artifício tornou-se cada vez mais difícil para as escolas, pois mesmo que de forma indireta acabavam por carregar a responsabilidade de educar as crianças e não somente aplicar o processo de ensinamento, por conta da ausência da família diante das obrigações obtidas pelo trabalho. Com isto a exigência para dos pais ou responsáveis em cima dos professores dobra, e o docente que deveria reforçar a metodologia de ensino de forma instigante e criativa, acaba assumindo o papel de família também, para suprir a necessidade de fixar alguns hábitos e comportamentos que são aprendidos com os adultos, nos anos iniciais de cada ser humano, de sua vivência inicial, seus primeiros contatos. Por isso, é necessário afirmar que,

No entanto, o que não pode ser negado é a importância da família tanto ao nível das relações sociais, nas quais ela se inscreve, quanto ao nível da vida emocional de seus membros. É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a formadora da nossa primeira identidade social. (Reis in Lane e Codo (org.) – Psicologia Social: o homem em movimento, São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.)

Por isso, a criança deve estar preparada para o ingresso na escola, para aprender e conseguir apreender de forma qualitativa. É claro que não se deve generalizar que isso ocorrerá em todas as famílias, haverá exceções por diversos motivos, sejam eles sociais, econômicos, enfim., porém as que tem consciência de que é necessário que as crianças precisam de atenção, além de doses de amor e carinho, respeito e limitações, entre outros quesitos verificados pelos pais ou responsáveis, até que ponto pode exigir ou não das mesmas, contribuindo para seu conhecimento e adaptação à sociedade, quando estes serão os mediadores primordiais para que essa relação se estabeleça antes da inserção nas escolas. Como diz Lutgardes Costa Freire (Streck et. al., 2008, p. 177) “Resumindo, para os meus pais, família é o que está escrito em um antigo prato português da minha mãe: “A alegria de uma casa em bem pouco se resume: beijos, abraços, canções, água, pão, flores e lume”.”.

Desenvolvimento

A sociedade passou impasses por transformações que ocorrem constantemente e influenciam a vida do ser humano tanto no âmbito do conhecimento quanto da informação. Com o passar do tempo, as exigências do mercado de trabalho nas mãos de obra qualificada, tem aumentado a cada ano, gerando obrigações cada vez maiores e a ocupação do tempo dos adultos que estão inseridos nesse meio, já que está sociedade exige indiretamente um ser formado apenas para atender o



mercado de trabalho e se ocupar com isto, sem tempo para pensar em críticas construtivas e democráticas e entender realmente o que acontece por trás dos favorecidos nessa sociedade como o envolvido em política assim como a elite (normalmente empresários e outros grandes empreendedores). Consequentemente, a maioria destes são pais e mães de família, que precisam desses ofícios para ‘viver melhor’ (ou seja, para atender o mínimo necessário para a sobrevivência) e dá isso aos seus filhos. Porém, deve-se ressaltar que,

A educação não começa na escola. Ela começa muito antes e é influenciada por muitos fatores. Ao longo do desenvolvimento físico e intelectual a criança passa por várias fases nas quais a escola da vida, isto é, o ambiente familiar, as condições socioeconômicas da família, o lugar onde se mora, o acesso a meios de informação, têm uma importância muito grande. Os primeiros anos são decisivos: estudos demonstram que a criança tem sua estrutura básica de personalidade definida até os dois anos de idade, muito antes, portanto, do período da escola obrigatória. (Ceccon et al., 2008, p. 86)

Contudo, essas consequências geram o afastamento destes nas convivências escolares e no acompanhamento da educação de seus filhos, que deveria ser prioridade e direito do trabalhador que tenha dependente registrado, porém, talvez por receio de perder este meio empregatício, estes responsáveis justificam sua ausência por conta da obrigação de trabalho. Além disso, não percebem que essa falha pode gerar violência, evasão escolar, fracasso, sentimentos negativos, alterações psicológicas, etc., e no final ainda culparão as crianças por tais comportamentos que será gerado em qualquer espaço de convivência social, dependendo das situações e motivos. É válido citar um trecho da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar realizada em 2015 que diz que,

O fortalecimento de vínculos familiares é considerado muito importante na prevenção de comportamentos de riscos entre jovens e adolescentes. Os pais e responsáveis estarem atentos às atividades dos adolescentes, estabelecendo laços de confiança e diálogo e conhecendo suas demandas, colaboram para que os adolescentes cresçam com segurança. (IBGE, 2016, p. 43).

Pode-se analisar através de uma Pesquisa do IBGE realizada em 2015 (2016) que mostra, “[...] escolares do 9º ano entrevistados, 66,6% responderam que os pais se preocupavam com os seus problemas e preocupações, nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa. O percentual para os escolares das escolas privadas foi de 66,9%, e para as públicas, 66,5% (Tabela 3)”.



Tabela 3 - Indicadores de contexto familiar dos escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, com indicação do intervalo de confiança de 95%, por dependência administrativa da escola - Brasil - 2015

| Indicadores de contexto familiar (%) | Escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental | | | | | | | | |
|---|---|-------------------------------|------|--------------------------------------|-------------------------------|---------|-----------------|-------------------------------|------|
| | Total | | | Dependência administrativa da escola | | | | | |
| | | | | Pública | | Privada | | | |
| | Total | Intervalo de confiança de 95% | | Total | Intervalo de confiança de 95% | | Total | Intervalo de confiança de 95% | |
| | Limite inferior | Limite superior | | Limite inferior | Limite superior | | Limite inferior | Limite superior | |
| Escolares cujos pais ou responsáveis sabiam o que eles faziam durante o tempo livre nos 30 dias anteriores à pesquisa | 80,4 | 79,8 | 80,9 | 79,2 | 78,6 | 79,8 | 87,3 | 86,4 | 88,3 |
| Escolares que faltaram às aulas ou à escola sem permissão dos pais ou responsáveis nos 30 dias anteriores à pesquisa | 23,4 | 22,8 | 24,0 | 25,0 | 24,0 | 25,7 | 13,9 | 13,0 | 14,8 |
| Escolares cujo algum dos responsáveis estava presente em ao menos uma refeição durante as refeições durante a semana | 74,0 | 73,4 | 74,6 | 74,8 | 74,2 | 75,5 | 69,6 | 68,0 | 71,1 |
| Escolares cujos pais ou responsáveis verificaram se os deveres de casa (lição de casa) foram feitos nos 30 dias anteriores à pesquisa | 56,6 | 54,9 | 56,3 | 56,8 | 56,1 | 57,5 | 48,5 | 46,5 | 50,6 |
| Escolares cujos pais ou responsáveis entenderam seus problemas e preocupações nos 30 dias anteriores à pesquisa | 66,6 | 65,9 | 67,2 | 66,5 | 65,8 | 67,2 | 66,9 | 65,1 | 68,7 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015.

Nota: Dados referentes à Amostra 1.

Fonte: Ministério da Saúde, com apoio do Ministério da Educação. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, 2015.** IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais: Rio de Janeiro, IBGE, 2016, p. 45. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>

Esta pesquisa infere que uma parte dos pais preocupa-se com os problemas dos filhos, porém a porcentagem ainda é muito pequena diante da importância de se envolver mais com as crianças para entender os seus meios de sociais de convivências e até mesmo mediar o comportamento adequado a tomar na sociedade, tanto para sua formação cidadã quanto para sua formação de identidade. Esta última será determinante para a sua atuação na sociedade, onde os indivíduos serão identificados pela sua conduta, da maneira que as consequências dependerão de seus atos.

Além disso, as grandes influências tecnológicas e midiáticas também alteram a essência do diálogo, da interação frente a frente entre os indivíduos, pois a utilização inadequada dos meios e o controle que a mídia tem para influenciar os nascidos na era de auge dessas tecnologias, além de conseguirem dominar essas tecnologias, usufruem muitas vezes erroneamente e sem limites impostos pelos que deveriam acompanhar essa utilização, no caso a família, também há um grande bloqueio tecnológico em grande parte dos docentes que deveriam seguir as transformações ocorridas no meio com o desígnio de melhorar o ensino em sala de aula, possibilitando o uso destes em prática educacional como mediação para o conhecimento.

Os professores, o corpo educacional e a família, precisam incluir em seus seguimentos o hábito de fazer e refazer uma autoanálise de seus próprios comportamentos do mesmo modo como aceitar as críticas provavelmente discursadas pelos seus alunos/filhos, para entender a necessidade da comunicação e relação contínua que deve haver entres todos, para propiciar uma educação melhor aos alunos/filhos. No Dicionário de Paulo Freire, pode-se encontrar uma trecho que remete à uma educação questionadora para formar atuantes críticos para uma sociedade onde os interesses sejam questionados e Freire infere essa ocorrência decorrente na sociedade quando diz,

Portanto, jamais podemos nos curvar, segundo Freire, aos discursos fáceis e pragmáticos que apenas reforçam a lógica do mercado. Igualmente, o desafio de uma educação progressista é construir alternativas aos processos domesticadores da indústria cultural, que busca homogeneizar as formas de pensamento e alienar nossas consciências diante da realidade que constitui nosso *ser no mundo*. Nesse contexto, é de fundamental importância uma educação que problematize as



diferentes formas de controle pelos sistemas de informação, da mídia, que pretendem formar a opinião pública segundo os interesses dos poderosos e da política hegemônica, hoje liderada pelo imperialismo norte-americano. (apud Streck et. al., 2008, p. 20)

Sabe-se que a educação nas escolas tem um papel de suma importância não apenas para a formação cidadã, mas também para atingir a família desses alunos, incluindo-os e fazendo-os como parte do processo educacional, psicossocial e do desenvolvimento dos mesmos. As partes envolvidas nessa relação devem atentar-se principalmente e em primeiro lugar, em importar-se em conhecer e compreender a realidade social vivenciada pelos seus alunos e adaptar metodologias para as aplicações em sala de aula assim como situações instigantes com o intuito de aproximar essas famílias em vulnerabilidade social. A inclusão das famílias não deve estar apenas inclusos no PPP's, planejamentos ou planos de aula, por estar apenas para constar, mas sim como parte de ações sociais, complementares e contínuas à formação de seres que contribuem para a sociedade e capacitados em julgar seus atos assim como assumir as possíveis conseqüências, porém tentando não gerar problemas para o próximo, as diferenças serão encontradas no dia a dia e devem ser respeitadas. Com isto,

O pensamento pedagógico freiriano é provocativo e instigante por que está sempre em movimento, aberto às diferenças culturais e aos novos desafios diante das realidades sociais. Freire é um pensador que não apenas propõe o diálogo como caminho para a educação, mas constrói um pensamento profundamente dialógico. Para todos os que atuam em educação, ele continua a ser um autor central na discussão teórica e na inspiração de práticas inovadoras em relação às formas alternativas e criativas de cada projeto pedagógico que lute pela emancipação. A *Pedagogia da esperança* aponta para esse desafio concreto de jamais perdermos o sonho e o direito de alimentarmos a utopia em uma nova sociedade na qual seja menos difícil para cada pessoa ser feliz. (Streck et. al., 2008, p.20)

Vale ressaltar que, diante de todas as aceitações que a sociedade vem enfrentando, como as escolhas de segmentos sexuais das pessoas, a religião, enfrentamento contra o preconceito, etc., a mesma ainda assim é um meio como TIBA (1998) aponta adiante que,

A sociedade é formada por pessoas que se relacionam entre si. Relacionamentos mais íntimos desenvolvem vínculos afetivos, de atração ou de repulsão. Podemos ter ideias diferentes, cargos e ganhos diferenciados, *status* e cultura desiguais, torcer para times rivais, defender posições políticas antagônicas, *mas somos todos seres humanos*. (TIBA, 1998. p. 166)

Sendo assim, “As escolas poderiam estimular essa convivência oferecendo seus espaços. Quadras esportivas, por exemplo. Os pais tendem a se conhecer melhor ao praticar esportes, acabando com a ideia de más companhias ou até confirmando-a.” (TIBA, 1998, p. 169). Deve-se concretizar essa relação tornando costume prazeroso entre os familiares afirmando também o bem necessário desta relação.

Conclusão

Deste modo, conclui-se que vários fatores determinam que seja de extrema importância a frequência ativa da família nas escolas e nos espaços educativos somáticos e contributivos à formação e desenvolvimento dos alunos. Cabendo também ao corpo docente, agregar valores participativos e instigantes para conseguir incluir esses familiares de maneira plausível as suas obrigações, sem que prejudique nenhuma das partes integrantes dessa relação, fazendo a sociedade obter de fato, mais saberes sobre a humanização, as maneiras de como tornar o outro mais sociável ao próximo, sem esquecer-se da alteridade, pois biologicamente todos são iguais como seres humanos, porém tem suas respectivas diferenças, aspectos distintos de fisionomia, entre outras características que os tornam diferentes, conseguindo interpor uma relação



saudável e respeitosa, partindo tanto da família quanto da escola para a vida social destes em desenvolvimento, como mencionado pelos autores citados durante a pesquisa reforçando o tema pertinente.

Portanto, é imprescindível que haja reforço da necessidade de relacionar a escola, o aluno e a família, através dos informativos escolares e programações extracurriculares adaptadas aos melhores horários disponíveis para as partes e em comum acordo, comprometendo-os a cumprir essas atividades propostas, visto que essa relação já faz parte dos documentos políticos da escola assim como outras réguas de organização, para que estas crianças tenham um ensino de qualidade e um desenvolvimento favorável para as relações sociais assim como a própria atuação destas no meio de vivência, aonde as transformações venham para mediar a educação e somar pela velocidade de informação e comunicação que podem gerar, se tecnológica e com utilização de internet, tornando-os seres humanizados e respeitadores das diferenças, mesmo que tenham suas opiniões e críticas divergentes do outro.

Referências

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CECCON, Claudius.; OLIVEIRA, Miguel Darcy de.; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **A vida na escola e a escola da vida**. Editora Vozes: 40ª Edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, IDAC – Instituto de Ação Cultural, 2008.

Ministério da Saúde, com apoio do Ministério da Educação. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, 2015**. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais: Rio de Janeiro, IBGE, 2016. P. 43-45. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf> (acesso: 19/09/2017 - 19h58min)

REIS, José Roberto Tozoni. Família, Emoção e Ideologia, In; LANE, Silvia.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. Editora Brasiliense: 8ª Edição, São Paulo, 1989. P. 99-123.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos da globalização**. Editora Gente: 23ª Edição, São Paulo, 1998.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário de Paulo Freire**. Autêntica Editora: 3ª Edição, Belo Horizonte, 2016.